

MULHER E FICÇÃO: AS PERSONAGENS FEMININAS EM “OS ANOS”

WOMEN AND FICTION: THE FEMALE CHARACTERS IN “THE YEARS”

Caroline Resende NEVES¹

Resumo: A pesquisa apresentada neste artigo buscou identificar características presentes nas personagens femininas do livro *Os anos*, da autora inglesa Virginia Woolf, em contraposição a estereótipos explorados na literatura masculina sob a luz da crítica feminista. A partir dessa identificação é possível fazer uma melhor análise de seu enredo, contexto e até mesmo a inserção de Woolf em tal crítica. Com a leitura de teóricas na área de autoria feminina e dos textos críticos de Virginia, como *Um teto todo seu*, *Women and writing* e *Mulheres e ficção*, foi feito um estudo sobre o papel da autora mulher na literatura e como a criação de personagens femininas por essas escritoras é capaz de mudar a visão dos estereótipos até então existentes. Após esta pesquisa crítica, seguiu-se a leitura do livro em questão, buscando as características esperadas nas personagens. O resultado foi mais satisfatório que o esperado, com uma profusão de personalidades, destinos e críticas embutidas a tais protagonistas.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Os anos. Romance autobiográfico. Autoria feminina. Crítica feminista.

Abstract: The present research aimed to identify the personality traits in the female characters from the book *The Years*, written by the English authoress Virginia Woolf, contrasting it with stereotypes explored in male literature, using feminist criticism as basis. Having this as a starting point, it is possible to provide a better analysis of the plot, context and even the insertion of Woolf in such criticism. After reading theories about women’s writing and the critical work of Virginia, such as *A Room of One’s Own*, *Women and Writing* and *Women and Fiction*, a study about the authoress role in literature was carried out, as well as how the female characters’ creation process by these women writers is capable of changing the pre-existent stereotypes. The following step was the close reading of *The Years*, looking for the expected characteristics in its characters. The result was more satisfying than previously stipulated, presenting a diversity of personalities, destinies, and embedded criticism towards such characters.

Keywords: Virginia Woolf. The years. Autobiographical novel. Women’s writing. Feminist criticism.

Virginia Woolf e a crítica feminista

Virginia Woolf (1882 – 1941) nasceu em Londres, Inglaterra, tendo escrito diversos romances, ensaios e biografias. Se tornou uma escritora célebre ao utilizar técnicas inovadoras para a época em seu processo de escrita, como o *fluxo de consciência*. Woolf se destacou também por sua

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora de inglês na Escola SEEDS e na Creche Escola Novo Espaço. Endereço eletrônico: carolineneves@hotmail.co.uk.

crítica literária, voltada principalmente para a escrita feminina e o direito das mulheres, porém na época a recepção foi bastante dura com seus textos. Atualmente há grande interesse e pesquisa em torno desses materiais, e Virginia é reconhecida como precursora no debate sobre o lugar da mulher na literatura.

A autora também é considerada uma das vanguardistas da teoria da recepção, pois preocupava-se com seu público, tinha consciência que seus leitores e críticos provinham tanto do público feminino quanto do masculino e que deveria fazer-se entender por ambos. Para ela a troca entre leitores e escritores era essencial.

Seus dois maiores trabalhos abordando o direito das mulheres são *Um teto todo seu* e *Three Guineas*. O primeiro foi publicado em 1929 e é considerado um texto não só essencial, mas fundador da crítica literária feminista. Virginia fez um trabalho arqueológico, pesquisando autoras ao longo dos anos e analisando por que o trabalho feminino é tão escasso e tão pouco visado pela crítica (masculina, importante ressaltar). Neste livro a autora trabalha com o argumento que a falta de condições externas (falta de recursos materiais, de um espaço privado para se concentrar, de experiências não domésticas e de oportunidades de estudo) afetavam a criatividade feminina, minando, assim, suas possibilidades de sucesso na escrita. Este pressuposto trabalha bem com a teoria de Simone de Beauvoir, que aponta que devido a “uma reduzida experiência de vida as autoras teriam sido levadas a temas mais pessoais e intimistas.” (ALMEIDA, 2009). Isto justificaria também uma maior incidência de escritos femininos na área da prosa e tão poucos no teatro e na poesia.

Three Guineas foi publicado em 1938, podendo ser lido como uma continuação de *Um teto todo seu*. Porém não foi compreendido em sua época tendo sido até mesmo hostilizado pelo público crítico. Esta obra é particularmente importante na análise do livro *Os anos* pois, segundo a biógrafa de Virginia Woolf, Hermione Lee (2016), os dois trabalhos originalmente seriam um só: um livro chamado *The Pargiters*. Seria um texto que mesclaria a abordagem crítica e social (*Three Guineas*) com a ficção, exemplificando a teoria ao narrar a história da família Pargiter (*Os Anos*). Porém, ao longo da escrita, Woolf percebeu que não seria interessante trabalhar dessa forma, e se decidiu por separar os escritos.

O livro crítico foi pensado para ser uma resposta ao questionamento feito a Virginia: como se poderia evitar a guerra? A autora divide então o livro em três partes principais, cada uma representando uma guinea (moeda inglesa). A primeira guinea aborda a construção de faculdades para mulheres e, conseqüentemente, oportunidades de estudos para elas. A segunda guinea debate as profissões para mulheres e, por fim, a última guinea aponta que deve-se combater o fascismo, assustadoramente crescente naquela época.

O legado de Woolf

O livro *Um teto todo seu* é um dos textos mais apreciados pela crítica feminista, não só por ser um dos pioneiros nessa crítica, mas também pela forma como Woolf cria sua narrativa, combinando sua teoria com uma narrativa ficcional, trabalhando seus argumentos com notável eloquência.

Tendo sido tão lido, é possível listar alguns trabalhos que tomaram forma a partir deste livro, como *Sexual Politics*, de Kate Millett, *A literature of their own*, de Elaine Showalter e *The war of words*, de Gubar e Gilbert. Além destes, muitas autoras admitem a influência de Woolf em seus escritos, como Naomi Black, Jane Marcus, Michèle Barrett, Toril Moi e Bette London. (OLIVEIRA, 2013)

Gubar e Gilbert apontam que as mulheres têm sido definidas na literatura por autores homens, e dizem que elas devem se libertar desse enclausuramento, formulando alternativas e se criando como sujeitos. Essa ideia conversa com a ideia de Woolf em compreender e transcender o “anjo do lar” – segundo Maria Aparecida de Oliveira (2013) o termo é originário do poema de Coventry Patmore sobre como deveria ser e se portar a mulher na era vitoriana, e que Virginia aborda em seu ensaio *Professions for Women*.

Elaine Showalter apresenta uma posição um tanto quanto polêmica sobre Virginia Woolf, ora elogiando seu trabalho, ora a criticando ferrenhamente. A autora concorda com Woolf que a escrita feminina é diferente da masculina e que com essa identificação, a literatura feminina começa a deixar de ser um subproduto. Para Showalter, a autoconsciência das autoras femininas em relação à influência de suas experiências na escrita talvez transcenda o privado e crie uma consciência coletiva que revele a história feminina, muitas vezes ignorada. Outro ponto de concordância entre ela e Woolf é somente ser possível saber se uma escritora é extraordinária conhecendo a vida da mulher comum e assim comparando as duas realidades.

A teórica também elaborou uma divisão de fases na escrita feminina, muito importante para as pesquisas contemporâneas:

Feminina	<ul style="list-style-type: none"> • 1840 – 1880 • nesta época as mulheres usavam pseudônimos masculinos • a morte de George Eliot marca o fim desta fase
Feminista	<ul style="list-style-type: none"> • 1880 – 1920 • as mulheres conquistam o direito ao voto

Fêmea	<ul style="list-style-type: none"> • 1920 – atual • nova fase de autoconsciência
-------	--

Porém Elaine tem grandes críticas a alguns pensamentos de Woolf, como a ideia de androginia. Virginia apresenta a ideia de mente andrógina, em que essa seria balanceada com o feminino e o masculino, e assim conseguiria se expressar artisticamente de forma mais plena. Segundo Oliveira (2013), “Nesse ponto, Woolf deu o primeiro passo, Simone de Beauvoir iria mais longe ao questionar os pares dicotômicos e a construção social e política dos mesmos.” Todavia, Showalter acusa Virginia por, com essa ideia, transcender o conflito feminista ao invés de passar por experiências resultantes das diferenças entre homens e mulheres.

Showalter, em seu artigo *Criticism in the wilderness*, também discorda de Woolf quando esta diz que a escritora volta seus pensamentos para sua mãe. Segundo Elaine, a escritora também pensa em seu pai quando escreve; apenas a cultura dominante (masculina) não precisa considerar a cultura muda (feminina) no processo de criação, a mulher sempre terá influência de ambas culturas.

No mesmo artigo, a crítica aponta duas formas de teoria feminista: a) mulher como leitora, em que ela irá revisar as obras masculinas e os estereótipos femininos criados; b) *gynocritics*, em que a mulher trabalha como escritora e tem voz. Essas formas de teoria já haviam sido apontadas por Woolf em seu artigo *Mulheres e Ficção*, lançado em 1929.

Adiante, analisaremos as personagens femininas do livro *Os anos*, que seria a princípio lançado em conjunto com *Three Guineas*.

Os anos

Este é o penúltimo livro de Virginia Woolf, escrito em 1937. Antonio Bivar (2011), no prefácio de *Os Anos*, nos diz o seguinte:

Virginia nasceu em 1882. Logo, o romance-ensaio (*The Pargiters/ The Years/ Os Anos*), abrangendo desde 1880 até os dias atuais (o tempo em que ela escrevia o livro), seria em essência um livro autobiográfico. A família Pargiter, que atravessará a saga, será de alguma forma inspirada na família dela, os Stephen. Ao começar o livro, Virginia estava com 50 anos. Levaria outros 5 até que *Os Anos* fosse publicado, em 11 de março de 1937.

É importante frisar que as circunstâncias da época em que Woolf escrevia o livro a afetavam: a tensão de mais um conflito por vir e a ascensão de Hitler. Mesmo tendo deixado a

crítica social no ensaio *Three Guineas*, ela ainda retrata momentos de tensão decorrentes da guerra na narrativa.

Hermione Lee aponta *Os Anos* como um livro político:

Em “Os Anos”, a família vitoriana que está crescendo no mundo moderno – a novela ocorre dos anos 1880 até o dia atual, que é 1936 – está lidando com problemas de feminismo, de atitudes com mulheres e abuso de mulheres, problemas de aborto e abuso de crianças, e direitos das mulheres, racismo e luta de classe. Essas coisas são implícitas em romances como *O Quarto de Jacob* ou *Mrs. Dalloway* ou *Rumo ao Farol* – romances dos anos 1920 – mas nos anos 30, quando Woolf vê em tudo ao redor dela a ascensão do fascismo, ela sente, como outros escritores da época, a necessidade de falar sobre política. Ela está extremamente engajada com o mundo público. (Tradução nossa)²

O livro narra a história da família Pargiter através dos anos e por três gerações, sendo seus capítulos esquematizados em anos. São onze diferentes anos narrados (mas a história corre por 56 anos), portanto, onze capítulos. É interessante notar como cada ano/capítulo sempre se inicia com a descrição do tempo, dizendo o mês ou a estação, e cada um irá relatar apenas um dia daquele ano. Essa exposição das estações nos dá a sensação de tempo fluindo, seguindo seu curso na história. Segundo Lee, o livro foi um grande sucesso comercial na época de Woolf, mas agora é o menos favorecido dentre seus livros. A própria Virginia considera esse livro um fracasso.

Com muitos personagens que entram e saem da narrativa, ao longo da história dessa família pertencente à classe média-alta, focaremos nas personagens femininas e suas representações na história, indicando como elas retratam as mudanças ocorridas na sociedade do fim do século XIX e início do XX.

Personagens femininas na obra

A novela nos apresenta uma série de personagens femininas, de maior e menor importância. Só na família Pargiter, por exemplo, há cinco mulheres (em contraposição a quatro homens, dentre os filhos). Neste artigo, iremos focar apenas nas que apresentam alguma característica mais marcante e/ou relevante: Eleanor, Delia, Rose, Crosby, Kitty, as irmãs Maggie e Sara, e Peggy.

²In “The Years”, the Victorian family that is growing into the modern world – the novel goes from the 1880s until the present day, which is 1936 – is dealing with issues of feminism, of attitudes to women and the abuse of women, issues of abortion and child abuse, and women’s rights, racism and class war. These things are implicit in novels like *Jacob’s Room* or *Mrs. Dalloway* or *To the Lighthouse* – novels of the 1920s – but in the 1930s, when all around her Woolf sees the rise of fascism, she feels, like other writers of the time, the need to speak about politics. She is extremely engaged with the public world.

A primeira a ser analisada é Eleanor Pargiter, a qual podemos considerar como protagonista da história, apesar da narrativa não nos oferecer um personagem principal fixo. Ela é eleita como heroína por ser quem representa a união de todos os personagens e dá sequência aos acontecimentos.

Ela é a filha mais velha do Coronel Pargiter e Rose, e é descrita da seguinte maneira: “Era a mais velha das filhas, tinha vinte e dois anos e nenhuma formosura. No entanto, respirava saúde e, mesmo cansada como devia estar no momento, era de natureza alegre e efusiva.” (WOOLF, 2011). Quando a mãe está de cama, é ela quem toma as rédeas da família e cuida de todos, e depois da morte dela, é quem irá tomar conta do pai, abrindo mão de sua vida. Assim, ela nunca se casa e dedica sua vida sempre aos outros. No último capítulo, quando dizem a Eleanor que estão falando dela, seu pensamento flui: “Minha vida, disse com seus botões. Que estranho! Pela segunda vez nessa noite alguém falava da sua vida. E eu não tenho vida nenhuma! – pensou.” (WOOLF, 2011), e mais adiante: “Minha vida tem sido a de outras pessoas: a de meu pai; a de Morris; a dos meus amigos em seguida; a de Nicholas...” (WOOLF, 2011).

Essa ideia nos remete ao conceito da personagem solteirona na literatura, muito bem definida por Cláudia J. Maia (2014). Aliás, a própria sobrinha de Eleanor, Peggy, a retrata como uma “solteirona vitoriana” (WOOLF, 2011). A princípio essa era uma figura antagonizada na comunidade, por não contribuir com a manutenção da sociedade patriarcal: a constituição da família é uma ferramenta para essa continuidade, por manter a mulher em casa, cuidando da sua prole e marido e, assim, sem salário e sem liberdade. Portanto, segundo Maia, optar por ser uma solteirona pode ser visto também como uma forma de protesto contra a escravidão do casamento e visando a libertação das mulheres. Esta é a chamada “solteirona política”. Sabemos que Woolf está sempre criticando a instituição matrimonial, portanto ter uma protagonista solteira em sua história não é mero acaso. A outra forma de assumir esse papel, e é o que se encaixa melhor no caso de Eleanor, é a chamada “solteirona funcional à família”, que abre mão de si para dedicar sua vida aos outros.

Eleanor é também a personagem que irá trazer alguns questionamentos mais profundos ao leitor. Em 1891, quando visita a casa que aluga para algumas senhoras, ela questiona a decisão de obrigar uma pessoa doente a viver, assunto que já vinha se iniciando com a demora da mãe em morrer e seu fraquíssimo estado de saúde. Já em 1908, Eleanor está lendo um livro sobre o cristianismo e começa a se indagar sobre a veracidade dos textos bíblicos, sobre se quem os escreveu foi fiel à realidade ou mentiu para servir a fins próprios.

Certamente a escolha de uma protagonista que não se casa vem a quebrar o estereótipo construído pela literatura masculina, que solteironas são mulheres amarguradas, que ninguém quis

desposar. Inclusive, North, sobrinho de Eleanor, se questiona algumas vezes sobre esse fato, culminando num curto diálogo entre os dois sobre o assunto:

- Casamento não é para todo mundo – disse Eleanor.

Ele teve um sobressalto.

- Não, naturalmente que não – tartamudeou, olhando-a com espanto. Ela nunca se casara. Por que não? – pensou. Sacrificara-se pela família provavelmente, pelo velho Vovô sem dedos. (WOOLF, 2011)

Para North, a ideia de uma mulher optar em não se casar não é compreensível, e ele segue questionando isso ao final do livro. Esse embate é um dos motivos do porquê ser tão interessante ter uma protagonista solteirona.

Continuando na linha de crítica política, temos Delia, outra filha do Coronel Pargiter e Rose. Ela tem uma curta aparição no livro, e ainda assim sua presença é extremamente relevante para discutir a mulher política, aquela que tem participação na vida pública e que luta por seus ideais. Logo no início do livro fica claro o sentimento de não-pertencimento de Delia em relação à sua família. Ela é a única que não suporta mais o tardamento da morte da mãe, enxergando aquilo como algo que mina a energia familiar. Assim que pôde, saiu de casa e se mudou para um apartamento modesto. No ano de 1891, descobrimos que Delia é partidária de Parnell, um líder irlandês que defendia a libertação da Irlanda do domínio inglês. Após a morte dele, em tal ano, Delia some e só reaparece de fato no último capítulo. Antes disso há apenas uma menção a ela.

Apesar de retratar uma mulher ativa politicamente, Virginia opta por fazer desta personagem um fracasso, uma mentira: Delia se casa com um irlandês, Patrick, para reafirmar sua luta pelo país, mas no fim ele é apenas um latifundiário conservador, que vai exatamente contra tudo o que Delia acredita. Hermione Lee comenta na biografia da autora que ela se vale de uma abordagem satírica em *Os anos* para repudiar o comportamento dito aceitável para uma mulher naquela época, e essa personagem é o perfeito exemplo disso.

Ainda há mais uma personagem politicamente ativa: Rose, a filha mais nova do Coronel e que recebeu o mesmo nome que sua mãe. Ela viaja pelo país divulgando suas ideias, sendo inclusive presa por atirar tijolos a uma janela. Desse romance, ela é a figura que melhor representa a ideia de mente andrógina de Virginia Woolf. Ela é a única dentre todos os filhos que se interessa pelo passado do pai e avô na guerra e se imagina cavalgando em batalhas, se apresentando em sua imaginação como “Pargiter, do Regimento de Cavalaria Pargiter” (WOOLF, 2011).

Quando criança, decide ir sozinha a noite à loja Lamley, já que ninguém quis acompanhá-la, e no caminho sofre assédio de um homem na rua: na primeira vez, a caminho da loja, o homem tenta agarrá-la. Na segunda vez, Rose já está voltando para casa, quando

De repente viu o homem outra vez. Estava encostado no lampião e a luz do gás dançava no seu rosto. Quando ela passou, ele chupou os lábios para dentro, depois soprou. O som era uma espécie de mugido. Mas não estendeu as mãos para ela. Estavam ocupadas, desabotoando a roupa dele.

Ela passou como um raio. Teve a impressão de que o homem vinha em seu encalço. Ouvia os surdos passos dele na calçada. Tudo tremia em torno dela enquanto corria. (WOOLF, 2011)

Felizmente nada aconteceu. Contudo, como Hermione Lee comenta em sua entrevista e já foi citado aqui anteriormente, essa é uma novela que iria tratar de vários tabus da sociedade, sendo o abuso de crianças um deles.

Adicionando outro tabu à lista, Woolf usou a personagem Crosby para debater – ainda que de forma não muito aprofundada – a situação dos empregados domésticos. Através dela a escritora pôde trabalhar a luta de classes, mostrando a indiferença dos patrões em relação às condições de vida dos empregados e o pensamento daqueles (personificado em Martin, um dos irmãos da família Pargiter) sobre como tratar tais trabalhadores: sendo cortês, mas não necessariamente verdadeiros.

O ponto chave de sua presença é quando Eleanor, ao receber um corretor na casa de Abercorn Terrace, conhece as instalações de Crosby. Ela já havia dito que morara no porão por quarenta anos, mas só ao desocupar a casa a patroa descobre que era um local “escuro e baixo” (WOOLF, p. 258) e então se envergonha disso. Com esta situação, Virginia critica o engajamento não-prático de muitas pessoas (como Delia e Rose, por exemplo), que lutam por ideais, mas são incapazes de notar os problemas reais que as circundam.

Uma das personagens mais interessantes em *Os anos* é Kitty Malone. Ela era filha do reitor da Universidade de Oxford e prima de Eleanor. É o retrato de toda restrição imposta às mulheres, tem seu destino decidido pela família e a vida limitada pelas convenções. Logo no início do livro, quando Kitty vai ajudar o pai no escritório, ele diz a ela: “A natureza não destinou você para a erudição, minha querida.” (WOOLF, 2011) Ela tomava aulas particulares com a Srta. Lucy Craddock, mas não era nada muito perscrutado. Isso enquanto ela vivia no centro do conhecimento, pois morava na universidade. Seus pais decidem casá-la com Lord Lasswade, e eles vão morar no norte da Inglaterra. Porém, fica muito claro que essa união não partiu de um desejo de Kitty, uma vez que adiante no livro ela irá se questionar como teria sido se tivesse se casado com seu primo Edward, de quem – suspeitamos – ela realmente gostava.

Em 1914, Kitty oferece uma recepção em sua casa, mas durante toda a narrativa da festa, seus pensamentos fluem em devaneios sobre sua incompatibilidade com aquele evento, com aquelas pessoas, com aquelas normas sociais. Como ela considera mais a frente: nem mesmo se expressar verdadeiramente ela pode sem ser má julgada pelas outras mulheres.

Kitty vem nos mostrar e fazer refletir como a sociedade pode minuar a felicidade de uma mulher apenas por fazê-la se sujeitar ao que se espera dela.

Em contramão a esse destino advindo da imposição social na vida das mulheres, temos Maggie e Sara Pargiter, primas de Eleanor, filhas de Digby e Eugénie. Enquanto Kitty tinha a segurança de um bem-estar financeiro, ainda que não tenha sido feliz por completo, as irmãs levam uma vida de pobreza após a morte dos pais. Assim, nos questionamos: o destino de uma mulher está nas mãos dela? Elas tinham uma vida confortável enquanto moravam com os pais, mas após a morte deles, elas não têm nem mais a casa da família para morar.

Maggie ainda tem a vida “salva” ao se casar com Renny, um francês com quem tem dois filhos. Porém Sara continua com uma situação bem humilde, aceitando empregos de baixa qualificação para se manter.

Por fim, mais ao final do livro há Peggy Pargiter, a personagem da última geração da família Pargiter, filha de Morris e Célia, e sobrinha de Eleanor. Ela se formou médica e também não é casada. Sua participação na história é muito relevante para mostrar o caminho que as mulheres foram tomando e qual a recepção masculina disso tudo. Ao que tudo indica na narrativa, essa recepção não foi muito boa, muito menos empolgante, como o pensamento de North, irmão de Peggy nos mostra: “Maldita raça das mulheres, pensou, são tão duras, tão desprovidas, coitadas, de imaginação! Para o dia com suas mentes mesquinhas, inquisitivas. De que vale a tal educação feminina se só sabem julgar e censurar?” (WOOLF, 2011). Além desta passagem com North, temos também o questionamento que Patrick, marido de Delia, faz em uma roda de conversa: “Agora essas damas podem votar – acrescentou, dirigindo-se a North – e estão em melhor situação por causa disso?” (WOOLF, 2011)

Esse conflito de ideias e gerações não chega a um arremate, pois a festa onde todas estas gerações se encontram chega ao fim, e a família se dispersa.

Considerações finais

Através da presente pesquisa foi possível observar que em grande parte a literatura é dominada por escritores homens que criam estereótipos femininos da forma como acham melhor. Essa imagem gerada influencia a visão da sociedade sobre as mulheres, o que basicamente não corresponde à realidade. Mulheres, assim como qualquer pessoa, são seres múltiplos, de vontades próprias e pessoais, que não podem ser minimizadas no papel de “mulher ideal”.

É papel da escritora mulher quebrar esses paradigmas, seja criando personagens que retratem a real e múltipla natureza feminina, seja criticando trabalhos que apresentem uma mulher estereotipada.

Virginia Woolf consegue representar em sua obra diversas personalidades de mulheres, mostrando ao leitor que aquele estereótipo sempre igual criado por escritores homens não abarcam toda a nossa diversidade. Ela nos mostra que as mulheres têm direito a suas próprias escolhas, suas vontades e até mesmo seus erros, mas que para isso é também necessário permitir que tenham tantas oportunidades quanto os homens podem ter.

Ela perpassa por mulheres solteironas, consideradas um mal para a sociedade, por mulheres politicamente ativas, assumindo posicionamentos ditos masculinos. Mulheres que têm seus sonhos destruídos pela imposição do casamento, mulheres que são “salvas” pelo casamento. Há mulheres que padecem socialmente apenas pelo fato de não terem as mesmas oportunidades que os homens, e há mulheres que trabalham e levam uma vida miserável, e ainda assim com dignidade. Mulheres de uma nova geração, com direito a estudos e voto. Todas pertencentes a uma mesma obra, quase todas a uma mesma família, viventes de épocas próximas. É através dessas personagens que vemos as mudanças que as mulheres foram conquistando ao passar das gerações, suas amarguras e suas formas de verem a vida.

É importante ressaltar a atemporalidade da obra, a multiplicidade de representações de personagens, as quais ainda são passíveis de serem identificadas como si mesmas por mulheres de todo o mundo. Um romance tão atual deixa sempre vivo o debate sobre o papel da figura feminina na sociedade, os direitos já conquistados e o que ainda deve ser mudado.

Referências

- ALMEIDA, M. de. *Cosima: à procura de um lugar de afirmação da autoria feminina*. 2009. Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgletras/files/2009/11/COSIMA-%C3%80-PROCURA-DE-UM-LUGAR-DE-AFIRMA%C3%87%C3%83O-DA-AUTORIA-FEMININA-Marcia.pdf>> . Acesso em: 11 set 2015.
- BIVAR, A. Prefácio. In: WOOLF, Virginia. *Os Anos*. Trad. Raul de Sá. Osasco: Novo Século, 2011.
- LEE, H. Hermione Lee recommends the best books on Virginia Woolf: depoimento. [17 junho 2016]. *Five Books*. Entrevista concedida a David Shackleton. Disponível em: <<http://fivebooks.com/interview/hermione-lee-virginia-woolf/>> . Acesso em: 04 set 2016.
- _____. *Virginia Woolf*. New York: Vintage Books, 1999.
- MAIA, C. J. Malditas e insubordinadas: a solteirona na literatura e em outros discursos. In: DUARTE, C. L.; MAIA, C.; ABREU, L. R. de; BARROCA, I. C. S.; PERES, M. F. M. (orgs). *Arquivos Femininos: literatura, valores, sentidos*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014.
- OLIVEIRA, M. A. de. *A representação feminina na obra de Virginia Woolf: um diálogo entre o projeto político e o estético*. Araraquara: UNESP, 2013.
- SHOWALTER, E. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton University, 1999.
- _____. Criticism in the Wilderness. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 8, n, 2, p. 179-205, 1981.

- WOOLF, V. Mulheres e ficção. In: _____. *O valor do riso e outros ensaios*. Trad e org: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 270 – 283.
- _____. *Os Anos*. Trad. Raul de Sá. Osasco: Novo Século, 2011.
- _____. Professions for women. In: _____. *Women and Writing*. Ed. Michèle Barrett. London: The Women's Press, 1979.
- _____. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Chegou em: 19-02-2017

Accepto em: 24-04-2017